O que são realmente as divisas, parte dos seus objetivos e o seu papel no sistema financeiro atual (mini análise)

As divisas são um dos temas mais importantes e mal interpretados do mundo financeiro; a maioria das pessoas acredita que o euro, o dólar, o iene, a libra, o franco suíço, o peso mexicano, o real brasileiro e todas as outras moedas do mundo são simplesmente meios de troca que cada país emite para que os seus cidadãos possam comprar bens e serviços dentro do seu território. Essa é a visão básica que se ensina nas escolas e que os meios de comunicação repetem constantemente, mas a realidade das divisas no sistema financeiro atual vai muito além dessa função superficial: hoje em dia, as divisas são instrumentos de poder, ferramentas de controlo financeiro entre nações, mecanismos de troca de valor e veículos que permitem que o sistema global funcione sob diretrizes muito estritas. Neste anáilise, vou explicar uma pequena parte do verdadeiro papel das divisas dentro do sistema atual, como se relacionam entre si, que função cumpre cada tipo de moeda dentro do tabuleiro global e porque é que este conceito é tão diferente da noção básica de "tipo diferente de moeda ou nota".

A primeira coisa a compreender é que nem todas as divisas têm o mesmo peso nem a mesma função dentro do sistema; existe uma hierarquia muito clara onde poucas moedas dominantes estabelecem as regras e as restantes simplesmente reagem a essas regras e alinham-se com elas. Como já se sabe, na cúspide encontra-se o dólar como moeda de reserva mundial; depois aparecem o euro, o iene, a libra e o franco suíço como divisas fortes secundárias, que possuem algum peso no sistema mas estão sempre subordinadas à dinâmica do dólar; a seguir encontram-se as divisas de mercados emergentes como o iuan, o real, o peso mexicano, o rand e muitas outras, que entram numa camada inferior da hierarquia; e, finalmente, estão as divisas de países economicamente débeis, que são mais vulneráveis e sofrem as consequências de toda esta dinâmica global. Essa pirâmide de divisas não é um acidente nem uma casualidade: está construída para que o valor flua para cima, das moedas mais fracas para as mais fortes, através de mecanismos minuciosos. Ora bem, por exemplo, uma desvalorização do euro não é apenas o resultado de uma má gestão local, tal como é publicamente vendido; é, em grande parte, o resultado de como o próprio sistema está desenhado para extrair valor das divisas inferiores para as superiores de forma silenciosa, contínua e constante, sem que isso se reflita no seu valor. Isto acontece dia após dia sem que ninguém o perceba diretamente, porque ocorre por baixo da superfície do comércio diário e da troca quotidiana.

As divisas fortes secundárias, como o euro, o iene, a libra e o franco suíço, cumprem funções específicas dentro do sistema que convém compreender. O euro funciona como a divisa que aparenta competir com o dólar, mas que na realidade complementa o sistema global, mantendo uma grande zona económica submetida a regras semelhantes às do dólar; os seus movimentos no par EUR/USD são um dos instrumentos mais utilizados para extrair valor dos cidadãos europeus que necessitam de trocar euros por dólares para as suas atividades comerciais e financeiras. Essa taxa de câmbio nunca é favorável ao cidadão: está sempre calibrada para que, quando uma pessoa precisa de receber dólares e trocá-los por euros, o dólar esteja fraco e receba menos euros, e quando essa mesma pessoa precisa de euros e os tem de comprar, o dólar esteja forte e o seu capital renda menos. Esse ciclo repete-se de forma constante e quase impercetível ao longo dos anos, mas o resultado

acumulado é uma extração de valor do cidadão para o sistema. O mesmo se replica com todos os outros pares de divisas. O iene japonês cumpre uma função parecida no bloco asiático e é utilizado como veículo de *carry trade*, onde os fluxos de capital usam o iene para financiar operações de maior rendimento noutras divisas; este mecanismo, aparentemente neutro, gera pressões constantes sobre a economia japonesa e mantém o iene a níveis que convêm ao sistema global, mas não ao cidadão comum japonês, sendo contudo justificado como algo normal e que "flexibiliza" a economia. Por outro lado, a libra esterlina continua a carregar o peso histórico do antigo império britânico e funciona como porta financeira de Londres para o resto do mundo, mantendo o Reino Unido como um dos centros operativos do sistema, embora a sua economia real esteja muito mais débil do que a sua divisa demonstra. O franco suíço funciona como refúgio aparente para capitais que procuram estabilidade, mas essa função também está calibrada acima de qualquer decisão soberana do país. Todas estas divisas operam dentro da mesma arquitetura geral e nenhuma concorre realmente com o dólar em termos estruturais, embora alguns acreditem no contrário; são peças complementares do mesmo tabuleiro e não rivais reais, tal como as narrativas oficiais tentam vender. Não é que "competiam" — isso é uma imagem transmitida ao público —, pois ambas pertencem ao mesmo sistema financeiro e cumprem os seus objetivos mais importantes: punir a especulação, retirar valor e acomodar-se aos movimentos externos sem que estes sejam a causa em si; o interno acomodou-se ao externo, mas não o externo influi no interno.

As divisas de mercados emergentes e de países economicamente débeis cumprem uma função completamente distinta dentro do sistema. Estas divisas estão submetidas constantemente a fluxos de capital especulativo que entram e saem de acordo com as diretrizes do sistema financeiro. Quando um país emergente atravessa um momento de aparente bonanza, os capitais especulativos entram massivamente comprando a sua divisa, o que a faz subir face ao dólar e gera a ilusão de fortaleza económica local: os cidadãos celebram que a sua moeda se valoriza, dão mérito a políticos que não o merecem, os políticos atribuem-se o mérito, os meios de comunicação falam de sucesso económico, e enquanto tudo isto acontece, a realidade é que a divisa está a disparar para afetar outros intervenientes da própria economia desse país, tanto os que ganham em dólares, vendem em dólares como exportam em dólares, etc. Nas temporadas em que a economia local não produz tanto e o país depende de rendimentos externos, é precisamente aí que a divisa interna dispara, para que não renda nem o que é produzido internamente nem o que vem de fora; e uma vez que esses dólares já foram suficientemente desvalorizados e a economia interna volta a produzir mais do que aquilo que entra do exterior, quando chega esse momento, é nessa altura que os capitais especulativos saem de rompante, vendendo massivamente a divisa local, o que provoca desvalorizações violentas que destroem pouco a pouco o poder de compra dos cidadãos em questão de meses. Os políticos lavam as mãos culpando fatores externos, os meios de comunicação falam de crises imprevisíveis, e os cidadãos acabam por pagar as consequências deste ciclo. Este padrão repetiu-se dezenas de vezes em muitíssimos países durante as últimas décadas e segue sempre a mesma mecânica, porque está desenhado para funcionar assim; não é um acidente, é o funcionamento normal do sistema global, onde as divisas emergentes constituem um terreno de extração eficiente.

Aqui entra um ponto importante que convém compreender bem: o comportamento de mercado das divisas segue a mesma dinâmica especulativa que já observámos no ouro, nas bolsas, nos metais e

nos restantes mercados atuais. Os pares de divisas movem-se contra a maioria; as narrativas oficiais sobre taxas de juro, balança comercial, inflação e dados económicos servem apenas de desculpa para justificar os movimentos executados pela dinâmica interna do mercado. Os *traders* que operam no mercado *forex* acreditando que os dados económicos movem os preços são os mesmos que perdem dinheiro vezes sem conta, porque estão a ler o mercado com um mapa equivocado. Os dados económicos são publicados e os pares reagem de forma aparentemente lógica apenas quando essa reação coincide com a direção que já estava planeada; em muitíssimos casos, os pares movem-se na direção contrária àquela que a lógica tradicional indicaria, levando os analistas a inventar explicações complexas para justificar o inexplicável. A verdade é muito mais simples e muito mais dura: o verdadeiro subjacente das divisas é o fluxo real de capital entre os grandes intervenientes que participam no sistema. Os derivados, futuros, opções e CFD operados pela massa de *traders* de retalho constituem o ecrã onde se geram as liquidações massivas que alimentam o sistema, tal como acontece em todos os outros mercados.

As taxas de juro fixadas pelos bancos centrais de cada país constituem um dos instrumentos mais importantes do sistema para orientar o comportamento das divisas. Quando um banco central sobe as taxas, supõe-se que a sua divisa se deva fortalecer, pois os capitais procurariam maior rentabilidade nessa moeda; quando baixa as taxas, supõe-se que a divisa se deva debilitar pela lógica inversa. Contudo, na prática, essa relação funciona ocasionalmente e noutras vezes falha por completo: as divisas sobem com taxas baixas e caem com taxas altas, dependendo do que a dinâmica exija em cada momento. As taxas funcionam como instrumento de pressão e suporte, mais do que como causa direta dos movimentos. Os bancos centrais não são entidades verdadeiramente independentes que tomam decisões soberanas para o bem-estar das suas economias locais, tal como apregoam as narrativas oficiais; são peças do sistema global que se ajustam de acordo com as necessidades estruturais do tabuleiro geral. As decisões que aparentam ser tomadas em cada país obedecem, na realidade, a uma ordem superior que ajusta os movimentos de todas as divisas para que o sistema funcione de maneira contínua. Quando uma economia nacional está a ser deteriorada pelas decisões do seu banco central, tal não acontece necessariamente porque esse banco central se esteja a enganar, mas sim, muitas vezes, porque está a cumprir corretamente a função para a qual foi colocado dentro do sistema global, ainda que isso prejudique os cidadãos do seu próprio país. Os políticos e responsáveis públicos vendem cada decisão como se fosse para o bem do povo, quando na realidade obedecem a uma ordem muito mais vasta que escapa às suas capacidades reais de decisão; não decidem, limitam-se a executar ou a acomodar-se ao que já está estabelecido.

Para compreender devidamente como funcionam as divisas no mundo atual, há que aceitar que não existe uma verdadeira competição entre elas, tal como é publicamente vendido; não há rivalidade genuína entre o dólar e o euro, entre o dólar e o iuan, entre o iene e a libra. Essas supostas rivalidades são narrativas mantidas vivas para que os cidadãos acreditem que as suas nações estão a competir pelo bem-estar dos seus povos num tabuleiro global livre e aberto, mas a realidade é que todas as divisas importantes estão enquadradas dentro da mesma arquitetura geral que opera acima das soberanias nacionais. Os movimentos entre elas estão calibrados segundo os objetivos do sistema; os aparentes conflitos comerciais e monetários entre países constituem teatro político que serve para justificar movimentos ou alterações monetárias mais avançadas, e claramente a maioria das decisões

dos bancos vai a favor da direção onde seja mais necessário o suporte para o trabalho que o sistema financeiro está a executar.

Espero, portanto, que fique claro que, quando nos meios de comunicação e nas teorias tradicionais nos dizem que uma divisa sobe devido à "procura dos investidores" ou ao "apetite pelo risco", todas essas explicações não passam da desculpa e da imagem utilizadas para justificar tais movimentos, e não a causa nem o propósito em si de o porquê de se estar a mover. Este mini análise pretende demonstrar o quanto a especulação está presente nas divisas de todo o tipo e como tudo faz parte de objetivos maiores. Espero que quem esteja atento e mais preparado para obter conhecimentos desta índole — sobre a realidade do mundo atual — comece a encontrar mais verdades neste documento, enquanto quem ignora a realidade e nem se atreve a duvidar daquilo que vê dia após dia neste mundo falso merece continuar na ignorância absoluta. Para os próximos PDF trarei coisas muito interessantes, por isso é hora de apoiar sem parar estes documentos e reagir,heh!